



Camará

Centro de Pesquisa e Apoio à Infância e Adolescência

ONG fundada no ano de 1997, em São Vicente, litoral de SP, cuja missão é promover a inclusão e participação de adolescentes e jovens enquanto sujeitos desejantes e de direitos, priorizando o atendimento daqueles em situação de risco pessoal e social.

As atividades estimulam a participação ativa e crítica do jovem, fomentando valores como o respeito à diversidade, aos interesses coletivos, o exercício consciente da cidadania e o sentimento de justiça social. O diálogo, a produção coletiva e a gestão compartilhada dão o tom do processo educativo em curso. Estão organizadas em quatro núcleos: Psicossocial, Cultura e trabalho, Políticas públicas, Formação e pesquisa.

Seus representantes colaboram para a efetivação dos princípios estabelecidos pelo ECA, integrando coletivos como o CMDCA, CMAS, Condeca. A pauta das políticas de juventude foi incorporada à atuação político-pedagógica da organização, desde 2002, quando a formação de jovens monitores tornou-se um investimento estratégico para o Camará.



Ecologicamará em Rede

Jovens mobilizando jovens em torno de projetos coletivos

Lumena Celi Teixeira
[org]

Psicóloga e Mestre
em Psicologia Social.
Co-fundadora e coordena-
dora de projetos do
Camará, professora e
supervisora de estágios
na UNIP-Santos. Con-
selleira do CRP-SP
gestão 2004-2007

Introdução

O Centro Camará de Pesquisa e Apoio à Infância e Adolescência é uma organização não governamental fundada em 1997, com sede em São Vicente, no litoral de São Paulo, que trabalha com jovens visando à formação de multiplicadores e à participação ativa desses jovens na sociedade.

Um dos seus principais projetos tem sido o Ecologicamará, que tem por objetivo promover consciência ambiental e contribuir com a formação de jovens mais críticos e participativos. Desenvolvido entre janeiro de 2002 e junho de 2006, contou com o apoio técnico e financeiro do Instituto Credicard no âmbito do Programa Jovens Escolhas em Rede com o Futuro - PJE.

Entre 2002 e 2003 ofereceu um processo de formação para 20 jovens, que passaram à condição de monitores ambientais¹. A partir do convite formulado pelo Instituto Credicard para reedição da experiência, esta segunda fase, executada entre janeiro de 2004 e junho de 2006, foi realizada em rede com outros parceiros: organizações governamentais e não governamentais, escolas e grupos da comunidade. Neste período, o projeto passou a ser denominado Ecologicamará em Rede, e parte dos jovens monitores formados durante a primeira edição passou a compor a equipe executora.

1. O texto de sistematização da primeira etapa do Projeto Ecologicamará foi publicado em livro do Instituto Credicard - ESTEVES, S. (org) *Jovens Escolhas em Rede com o Futuro*. São Paulo: Umbigo do Mundo 2005.

O Projeto

Na reedição do Ecologicamará, o foco no desenvolvimento de ações voltadas ao meio ambiente local foi mantido, apresentando para o período os seguintes objetivos:

- Fomentar a cidadania ativa e o empreendedorismo entre jovens e educadores de São Vicente, numa ação conjunta com outras organizações, focalizando as questões ambientais da região;
- Difundir o princípio da gestão democrática e participativa nas instituições, fomentando ações em rede;
- Contribuir para a formação de educadores com postura crítica, inclusiva e democrática;
- Promover a articulação de jovens em torno de projetos coletivos e de interesse público, que estimulem a cultura do desenvolvimento sustentável, o respeito ao meio ambiente, à diversidade e à vida.

As atividades oferecidas visaram inquietar os participantes, propiciando o diálogo e o debate de idéias. Em grupo, os jovens exercitaram a construção coletiva de um plano de ação, a ser desenvolvido na própria comunidade, tendo a oportunidade de se reconhecerem como sujeitos dessa ação, como cidadãos ativos.

Desenvolvidas sempre com muito diálogo e respeito às diferenças, o conjunto de atividades

foi composto por debates, pesquisas, sessões de vídeo, estudos de meio para conhecimento dos ecossistemas locais; pesquisa de campo com moradores das comunidades; produção de fanzines; exercícios teatrais e de produção de vídeos; mostras culturais; encontros com outros grupos juvenis; participação em conferências, seminários e outros coletivos.

A carga horária mínima proposta para cada grupo de jovens era de 32 horas semanais. Nesse período, deveriam chegar pelo menos a estabelecer um diagnóstico sobre questões ambientais da sua comunidade. Aqueles grupos que decidiram formular um plano e colocá-lo em ação permaneceram por mais tempo no projeto. Alguns permaneceram inclusive por mais de um ano.

A equipe executora integrou jovens monitores, educadores sociais, articulador institucional e coordenação pedagógica. Em conjunto, e a partir das deliberações estabelecidas nas reuniões mensais de co-gestão, educadores e representantes das organizações parceiras também compuseram a equipe.

Os jovens monitores contaram com uma bolsa-juventude mensal, no valor de R\$ 350,00 passando a público alvo do projeto apenas nas ações de formação dirigidas aos educadores em geral. Tiveram acesso também a encontros semanais de supervisão com psicóloga, em pequenos grupos, para análise mais particularizada das situações enfrentadas no processo de mobilização de outros jovens. Esse espaço foi um suporte importante, resultando no aprimoramento pessoal de cada jovem monitor nesse novo papel social.

Trabalhou-se com o pressuposto de que o processo formativo de jovens, enquanto cidadãos ativos e conscientes de seu papel social, deveria ocorrer a partir de uma educação emancipatória, promotora de pensamento crítico e autonomia.

Para tanto foi oferecida também aos educadores uma experiência concreta de processo participativo na construção do conhecimento, pautado na reflexão-ação-reflexão enquanto instrumento de crescimento individual e coletivo. As reuniões de co-gestão se constituíram no espaço privilegiado para esse exercício, já que,

por meio de debates e reflexão sobre as ações educativas, criou-se condições para a troca e a experimentação de metodologias fundadas no exercício democrático.

A proposta levada aos jovens foi de que diagnosticassem na comunidade algum problema ambiental a ser enfrentado, elaborassem em grupo um projeto de intervenção e o colocassem em prática. No decorrer do processo formativo, alguns grupos optaram por outros focos para o plano de ação. Desde que caracterizassem o atendimento de interesses públicos e/ou coletivos, foram igualmente apoiados pela equipe.

Dados quantitativos

Foram diretamente beneficiados 1.400 jovens, no período de 30 meses, sendo que, por volta de 350 destes jovens chegaram a elaborar e executar planos coletivos de ação.

Participaram, ainda, cerca de 900 jovens e 1.200 adultos em ações indiretas: oficinas, exposições dialogadas, apresentações teatrais seguidas de debates.

Os grupos de jovens aconteceram em sete bairros de São Vicente (Sambaiatuba, Rio Branco, Vila Ponte Nova, Vila Margarida, Parque São Vicente, Parque Bitaru e Jôquei Clube) e quatro outros municípios (Santos, Guarujá, Praia Grande e Cubatão).

Articulou-se uma rede de 13 organizações? em torno do projeto, sendo que 20 educadores e/ou representantes dessas organizações parceiras participaram de atividades formativas.

Entre janeiro de 2004 e junho de 2006, 13 grupos juvenis desenvolveram 24 planos de ação em suas comunidades.

Mobilização e articulação de parcerias

O processo de mobilização e articulação empreendido inscreve-se no contexto de uma decisão institucional do Camará de participar da formulação e do controle social da política municipal de atendimento aos direitos de crianças e adolescentes enquanto interlocutor constante, ativo, crítico e propositivo.

2. Organizações parceiras

Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMCA

Secretaria Municipal de Obras e Meio-ambiente - SEMAM

Unidade Executora Municipal Projeto de Reurbanização do Sambaiatuba - UEM

Secretaria Municipal de Cidadania e Ação Social - SECAS

Associação Prestesiana de Ação Social - APAS

Diretoria Regional de Ensino (2004)

Programa Agente Jovem (2004)

IBAMA - Regional Baixada Santista (2004-2005)

Programa de Medidas Socio-educativas (2005)

Pacto São Paulo - Projeto de Protagonismo Juvenil (2005)

GTPOS/Instituto WOF - Projeto Sexualidade e Cidadania (2005)

Círculo de Amigos do Menino Patrulheiro CAMF-Rio Branco (2005-2006)

Sociedade de Melhoramentos da Vila Ponte Nova (2006)

Foram diretamente beneficiados 1.400 jovens no período de 30 meses e cerca de 900 jovens e 1.200 adultos em ações indiretas.



Na prática, isso significa atuar como conselheiro representante da sociedade civil nos Conselhos Municipais dos Direitos, da Assistência Social, na Comissão Municipal do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), na Comissão Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes e no Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente – Condeca.

Essa participação política sistemática tem proporcionado diversas aprendizagens e produzido alguns questionamentos.

- Como mobilizar as comunidades, os movimentos e organizações para a participação política crítica e propositiva?
- Como integrar ações de pessoas e organizações em torno de valores e princípios compartilhados?
- Quais dispositivos devem ser instituídos para promover e qualificar a participação dos jovens nos processos de tomada de decisão?

Esses questionamentos atravessam o cotidiano da instituição e são desencadeadores de processos de ação/reflexão que nos levam a escrever projetos, buscar articulações, participar de ações de capacitação na condição ora de formadores, ora de formandos e impõem o esforço de tomar parte no processo político de formulação, execução, monitora-

mento e controle social das políticas públicas de/para a infância e a juventude.

Desse modo, definimos como estratégica a participação no CMDCA, considerado o espaço privilegiado para as ações de articulação da rede local de atendimento. Em novembro de 2003, o CMDCA promoveu o I Seminário de Recomendações Técnicas para a Formulação da Política de Atendimento aos Direitos. O evento reuniu 50 participantes entre técnicos dos programas de atendimento, representantes de conselhos setoriais, gestores, conselheiros tutelares e advogados. Coube ao Camará a coordenação técnica e a sistematização dos trabalhos produzidos no encontro, o que contribuiu para legitimar-nos no lugar de articuladores credenciados junto à rede local.

Em 2004, a Comissão Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes de São Vicente elaborou, e o CMDCA aprovou o Plano Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Esse documento passa a organizar ações e estabelecer fluxos de atendimento e responsabilização, definindo um modo de fazer articulado entre órgãos e serviços da rede de proteção local.

Em novembro de 2005, realiza-se o II Seminário de Recomendações Técnicas para a Formulação da Política de Atendimento aos Direitos, reafirmando o CMDCA como espaço legítimo

de debate, formulação de políticas públicas e exercício do controle social.

A partir do ano de 2003, o Camará passa a integrar o Grupo de Assessoria Técnica do Programa de Ações Integradas e Referenciais para o Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Território Brasileiro – PAIR, sob a coordenação da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República – SEDH/PR. O grupo de assessoria tem por tarefa instrumentalizar as equipes técnicas dos serviços de enfrentamento à violência sexual por meio da construção de metodologias de intervenção, bem como fortalecer as redes locais dos municípios de Corumbá/MS, Campina Grande/PB, Feira de Santana/BA, Manaus/AM, Pacaraima/RR e Rio Branco/AC.

Em 2005, jovens monitores do Ecologicamará participam ativamente do processo de debate para a criação do Conselho Municipal de Juventude de São Vicente, adotando uma postura crítica frente à tentativa de determinados grupos fazerem prevalecer interesses particulares e não coletivos e públicos. Dessa participação resultou a criação de um Fórum Regional para o debate sobre o Plano Nacional de Juventude, batizado de Fórum da Juventude Caiçara, envolvendo os municípios da região metropolitana da Baixada Santista.

A experiência acumulada nesses processos de construção e consolidação de redes, fluxos e coletivos constituiu o fundamento para a definição dos pressupostos políticos e filosóficos e para concepção metodológica do trabalho de articulação, que a formação do Núcleo Reeditor exigia.

O convite do Instituto Credicard para constituirmos um dos Núcleos Reeditores do PJE representou, portanto, a oportunidade de fazer operar esse processo de articulação como condição e requisito necessários à implementação dos processos educativos propostos no projeto.

Apresentamos o Projeto Ecologicamará no CMDCA e passamos a contar com o respaldo institucional do Conselho para negociar a participação de duas escolas da rede pública e de duas ONGs no Núcleo Reeditor. A Diretoria Regional de Ensino foi o primeiro órgão a

manifestar interesse em integrar o Núcleo Reeditor, e responsabilizou-se pela definição das unidades escolares parceiras. Tivemos mais dificuldade para definir as ONGs, em razão do perfil das entidades de atendimento do município. A maioria delas ainda desenvolve práticas assistencialistas e resistem a promover processos participativos e democráticos. Ao cabo de várias reuniões, apresentações do projeto e negociações, definiram-se quais seriam as ONGs parceiras. Identificados os integrantes do Núcleo Reeditor, firmamos um acordo de participação no projeto, definindo responsabilidades e dispositivos de monitoramento e estabelecendo um processo participativo de gestão compartilhada que tem sido sistematicamente aperfeiçoado.

Em síntese, contribuíram para a mobilização e a articulação das parcerias:

- A experiência institucional de integrar conselhos e fóruns de participação política;
- O reconhecimento da competência técnica do Camará para coordenar ações educativas junto a adolescentes e jovens;
- O esforço e a insistência do Camará em articular pessoas e instituições em torno de projetos coletivos.

A relação com os parceiros

A relação com os parceiros se deu num processo constante, necessário à assimilação dos princípios e objetivos colocados pelo Ecologicamará em Rede. A principal instância de articulação dos trabalhos se constituiu nas reuniões mensais de co-gestão: momento do planejamento e tomada de decisões, em conjunto, onde participavam educadores e/ou representantes das organizações parceiras e a equipe executora do projeto.

Representando as duas escolas estaduais, que participaram durante 2004, contamos com a presença sistemática de alguns professores nessas reuniões, os quais aproveitaram bastante a experiência e contribuíram com a produção de conhecimento que operava ali naquele coletivo. Professores já sensibilizados pelos problemas intrínsecos à rede estadual de ensino, até então se sentiam isolados e sem perspectivas de intervenção para transformar aquela realidade.

Jovens monitores do Ecologicamará participam ativamente do processo de debate para a criação do Conselho Municipal de Juventude de São Vicente.

Além de reuniões ocasionais com determinados parceiros, para encaminhamentos de demandas específicas, houve a participação de representantes do projeto em todas as reuniões do CMDCA, conferências DCA em nível municipal, estadual e nacional.

Identificamos como principais resultados obtidos com tais parcerias:

- Entre aqueles que participavam das reuniões de co-gestão, a maioria buscou reproduzir, em suas instituições, a prática do debate e da participação democrática;
- Este coletivo de profissionais logrou construir uma nova visão sobre a juventude. Hoje percebem o jovem como sujeito ativo, numa contraposição àquela antiga visão marcada pela passividade e negatividade;
- Estes profissionais, quando representantes de suas instituições em fóruns e conselhos participativos, passaram a apresentar uma atitude ao mesmo tempo mais crítica e mais propositiva;
- Grande empenho de todos os parceiros na viabilização dos recursos necessários à execução dos diversos planos de ação que os jovens realizaram nas comunidades;
- O CMDCA passou a reconhecer, legitimar e apoiar as ações do projeto.

Considerando a repercussão desses resultados em outras esferas sociais, vale destacar a expectativa de impactos positivos também junto às famílias dos jovens, a partir da ação dos profissionais que participam do projeto e atendem diretamente a diversos grupos familiares, em suas instituições de origem.

E, devido à qualificação do debate em torno da formulação de políticas públicas a partir de uma participação mais crítica e comprometida desses atores sociais (profissionais que participam das reuniões de co-gestão), espera-se maior impacto também nesse campo.

As organizações parceiras, na composição articulada no ano de 2004, enfrentaram dificuldades importantes para se manterem corresponsáveis e cogestoras do projeto. Configurou-se uma experiência inovadora para aquele coletivo de atores sociais, tão

diverso na sua composição, participando ativamente de um processo compartilhado de decisões e avaliações estratégicas.

Foi intensa a contradição presente entre a demanda por participação crítica e emocrática, criada pelo projeto, e o autoritarismo histórico que permeia as organizações, com destaque às governamentais. Nas reuniões do núcleo co-gestor, muitas dessas situações, expressas em cenas cotidianas do trabalho, foram trazidas à tona e problematizadas, gerando crises, conflitos e aprendizados.

A despeito da participação assídua dos educadores e demais representantes das organizações parceiras, e do impacto positivo do projeto em suas práticas, as organizações correspondentes não incorporaram a metodologia participativa em sua estrutura. Este objetivo poderá ser alcançado apenas em longo prazo, dado o arraigamento histórico das práticas autoritárias que permeiam as organizações em geral.

Atuação do Camará como ONG articuladora

Definido o grupo que iria compor o Núcleo Reeditor, foram estabelecidas coletivamente as atribuições e o modo de funcionamento do Núcleo: reuniões mensais de planejamento, monitoramento e avaliação das ações empreendidas e análise das implicações das instituições com o processo coletivo em curso.

O grupo adotou como metodologia o seguinte procedimento:

- Identificação de determinada situação-problema que "emperrava" o processo educativo;
- Análise coletiva dos fatores envolvidos na situação identificada;
- Reconhecimento dos desafios a serem enfrentados;
- Proposição de ações estratégicas.

Essa produção coletiva dotava cada integrante do núcleo co-gestor de informações e conhecimento para tomar medidas, dentro de seus espaços de atuação, para recolocar o processo educativo em curso.

A ONG articuladora coube a função de produzir as condições para que a atuação desses profissionais pudesse ser validada em suas respectivas instituições. Foram realizadas reuniões com direção e coordenação pedagógica das escolas, com os professores durante as horas de dedicação, com a supervisora de ensino e com os dirigentes das ONGs, com gestores e técnicos das secretarias do governo municipal. A avaliação do grupo indicava que o esforço de articulação deveria ser aumentado de modo a produzir maior impacto nas organizações parceiras.

Socializando as experiências do primeiro semestre de 2004, pudemos ampliar nossa análise da conjuntura escolar e das ONGs, das dificuldades com as quais nos deparamos, as atividades que tiveram melhor aceitação pelos jovens, a participação dos professores e educadores e a nova configuração grupal que a equipe deveria adotar para melhor relacionamento interno. Durante 2005, a prática de cogestão foi consolidada e a participação dos parceiros mais propositiva e responsável.

O projeto nas escolas

Em 2004, trabalhamos em duas escolas estaduais, com o apoio da Diretoria Regional de Ensino, inserindo as atividades do projeto na grade curricular. Foram muitos os desafios, mas acreditamos que, se a parceria tivesse se estendido no tempo, resultados importantes poderiam ter se efetivado no contexto escolar. A idéia era implantar um Núcleo de Cidadania Ativa em cada escola, a partir dos planos de ação formulados pelos jovens, envolvendo professores e alunos em projetos comuns. Mas, antes que os núcleos se concretizassem, houve a troca da dirigente de ensino e de sua equipe de supervisores e novos procedimentos foram definidos pela Secretaria Estadual de Educação para o estabelecimento de parcerias entre escolas e ONGs.

Apresentamos nosso projeto no formulário solicitado, aguardamos retorno como nós foi indicado, mas tal manifestação nunca ocorreu. Sendo assim, seguimos no ano seguinte mobilizando outros grupos de jovens e outros parceiros, concluindo que não havia entendimento, por parte do Estado, de que nossa pro-

posta pudesse contribuir com o aprimoramento do processo educativo oferecido pela escola àqueles jovens alunos.

A seguir, apresentamos algumas reflexões sobre o período, destacando diferenças e semelhanças em relação à dinâmica das duas escolas, ambas as organizações participantes do projeto em 2004.

Na primeira escola notamos que a relação aluno/professor/direção acontecia a partir de uma forte verticalização. A direção exercia seu autoritarismo contra os professores e estes transferiam tal posicionamento aos alunos. Não presenciamos nenhum espaço de discussão sadia entre as partes, e os próprios alunos reproduziam, em parte, tal repressão, já que o próprio grêmio estudantil "não escutava os alunos" nem "lutava pelos seus direitos" (segundo relatos dos mesmos).

No decorrer do semestre, os jovens se tornaram mais participativos. Começaram com certa resistência, talvez também pelo desconhecimento sobre o processo, mas aos poucos incorporaram um padrão de relação diferenciada daquela que tinham com os professores. Demonstrando suas visões e opiniões, não precisavam se esconder por medo ou pela cristalização de lugares desiguais.

Já na segunda escola, constatamos um perfil diverso. A produção coletiva era mais estimulada, os jovens mais participativos, e a coordenação nos parecia ser mais próxima dos seus alunos. O colégio aparentava melhor estado de conservação, não apenas por ser menor, mas devido ao envolvimento dos jovens na sua organização. Uma professora em especial, durante as aulas de Ciências, inclusive já vinha focalizando elementos de educação ambiental.

Durante as atividades, inicialmente, contamos com maior entusiasmo dos jovens e com reflexões mais críticas sobre os temas propostos. Em determinados grupos, as apresentações foram além do que se havia proposto. Na atividade de educação ambiental, o debate chegou ao tema "ocupação humana", apresentando um teor mais crítico, e no grupo de comunicação, as apresentações contaram inclusive com *jingles*, algo que não fazia parte da proposta inicial.



Com o passar do semestre os alunos começam a se preocupar com a "matéria que perdiam" nos dias de atividades. Pudemos perceber que tais falas eram o reflexo do posicionamento de alguns professores, que nitidamente se contrapunham ao projeto. Após conversas esclarecedoras com a direção e o conjunto dos professores, esse clima melhorou e os alunos novamente passaram a se comprometer com as atividades propostas.

Durante essa fase, contudo, o que permanecia fazendo sentido era a iniciativa de falar também sobre aquela situação, mesmo que de forma não planejada. Isso indica que eles encontraram um espaço importante de escuta no projeto e o quanto se estava construindo, estreitando esse diálogo, cuja prática tem estado tão ausente nas relações escolares.

Em ambas as escolas, jovens monitores e os professores de referência (dois ou três por escola, os quais participavam das reuniões mensais de co-gestão) acompanharam os trabalhos de cada subgrupo, estabelecendo-se um espaço ímpar para troca de conhecimentos e reflexões. Isto fez com que os alunos atribuíssem muito mais sentido às atividades propostas e permitiu que suas análises fossem mais profundas e críticas. Essa atenção diferenciada aos alunos,

a partir da presença constante e da escuta atenta, é metodologia pouco aplicada pelos estabelecimentos de ensino. Mas os alunos demonstraram que, ao se sentirem acolhidos e "importantes" no processo, respondem satisfatoriamente àquilo que foi proposto.

Em 2005, com a constituição de dois grupos em parceria com o Camp-Rio Branco, houve uma divulgação espontânea desses jovens junto aos colegas de classe. Em decorrência de uma professora dessa ONG dar aulas na escola estadual mais próxima, fato aliado ao interesse então despertado nos alunos, recebemos o convite para "formar uma turma" nessa escola. A procura foi grande e a participação dos alunos foi intensa, ainda que tenham sido apenas dois meses de atividades (outubro e novembro).

Nesse interim, houve mudanças na direção e o envolvimento com o projeto limitou-se à concessão de espaço físico para a realização das atividades. Ainda que a direção tenha aceitado a realização de um grupo juvenil dentro da escola, inclusive com a participação de jovens que não eram alunos, o projeto não foi incorporado à rotina escolar. Os professores não puderam se envolver, porque isso não foi deliberado como política interna. Quem acompanhou algumas das atividades foi apenas aquela professora já citada.

Os participantes queriam prosseguir em 2006, mas a direção se posicionou no sentido de que isso seria possível apenas aos sábados, integrando o grupo ao projeto Escola da Família, da Secretaria Estadual da Educação. Tal indicação, além de descaracterizar a proposta do Ecologicamará, estaria inviabilizada porque a equipe executora dedicava-se ao projeto apenas de segunda a sexta-feira. O grupo prosseguiu, sim, no projeto, mas os encontros passaram a se realizar no Centro de Educação Ambiental da prefeitura, próximo à escola, onde já aconteciam os dois outros grupos juvenis do bairro Rio Branco.

A inclusão das escolas no projeto nos trouxe grandes desafios. No entanto, nossa avaliação é a de que o principal problema não reside na indisciplina ou na desmotivação dos alunos, como muitos professores insistem em concluir de forma pouco refletida. O principal obstáculo

está no modelo político-pedagógico estabelecido, que pouco ou quase nada evoluiu durante décadas, o qual pressupõe relações antidemocráticas e de reafirmação de lugares equivocadamente cristalizados: aqueles que supostamente sabem ensinam e os outros, que *a priori* nada sabem, devem submeter-se docilmente ao poder daqueles.

Exceção feita àqueles professores que se reconhecem educadores, os quais tentam, solitariamente, inovar pedagogicamente, a maioria dos dirigentes parece ainda não compreender a função da escola como formadora de cidadãos. Resistem às mudanças e dificultam, o quanto podem, a entrada de novos personagens no triste cenário dessa escola, tão desvalorizada por todos os seus atores sociais.

Impactos junto aos educadores

A proposta apresentada aos educadores consistia nas ações integradas e nas ações de formação propriamente ditas. As primeiras ocorreriam a partir do trabalho articulado, entre os educadores de cada organização parceira e a equipe executora. As outras se referiam às discussões temáticas e ao monitoramento do projeto nas reuniões mensais de co-gestão, além da participação nas Jornadas Formativas oferecidas pelo Instituto Credicard.

No tocante às escolas, tivemos muita dificuldade em garantir a presença dos professores durante as atividades em sala de aula. Em geral demonstravam entender que sua função seria meramente de "controle disciplinar" e, mesmo com falas explícitas ressaltando a importância da sua participação, preferiam permanecer em um lugar distanciado, como se não fizessem parte daquele contexto. A aproximação desses professores e a compreensão de que a proposta também estava voltada para eles configurou-se como um dos maiores desafios do projeto.

Ainda que em minoria, encontramos professores muito interessados na proposta, com iniciativa, participativos, implicados, portadores de uma ideologia diferenciada sobre o papel da escola. Estiveram conosco durante as oficinas e colaboraram nas atividades. Convidaram-nos

a participar de eventos desenvolvidos pela escola e demonstraram acreditar em nossa parceria, inclusive solicitando nosso auxílio para questões pertinentes aos próprios projetos pedagógicos. Foram professores desse tipo que participaram das reuniões mensais de co-gestão.

Nas demais organizações, tivemos dois tipos de profissionais envolvidos. Alguns acompanhavam diretamente o trabalho realizado nos grupos, fossem educadores ou assistentes sociais. Outros eram representantes das ONGs e das secretarias municipais parceiras, empenhados em garantir as condições para que o trabalho acontecesse, sendo que todos tiveram uma participação atuante nas reuniões de co-gestão e nas jornadas formativas. Apresentamos abaixo trechos de alguns depoimentos sobre o impacto do projeto nas práticas desses profissionais que o acompanharam de perto:

"...eu tinha uma visão muito mais de que eu deveria fazer pelos outros e agora, não. Agora mudei a minha forma de pensar, do ponto de vista que eu devo proporcionar ao outro que ele faça também. A possibilidade até do erro, do errar. Eu não vou fazer por ele, ele tem que tentar."

Assistente social da SECIAS, dezembro, 2005

"...eu fiz diferença sim, dentro da minha equipe, que já mudou toda a concepção, toda a organização agora dizem 'vai lá para o grupo, vai acompanhar'. Mudou até a estrutura do relatório, que a gente apresenta para a assistente social do Ministério das Cidades, ele ganhou uma partezinha lá. O Ecologizar em Rede, o Ação Jovem já têm uma parte no nosso relatório, e elas me deixam livre para escrever as ações que estão acontecendo, mesmo que eu não tenha tido um acompanhamento integral."

Assistente social da UEM, dezembro, 2005

"A parceria do Camará só veio abrir novos horizontes para esses jovens, tendo monitores jovens e educadores bem preparados para levar uma filosofia de vida diferente e até mesmo nos levando a aprender junto com eles: a sua didática, os seus métodos, só enriquecendo nosso conteúdo e valorizando esses jovens..."

Diretora do CAMP, outubro, 2005

Falam sobre quanto o mundo então ficou maior e o quanto também ficou maior a responsabilidade de cada um com as próprias ações nesse mundo.

"...eu, enquanto educadora, tenho procurado levar este formato de reunião, esta troca que nós temos aqui, para as reuniões que nós temos com funcionários e educadoras. Muitas vezes eles não entendem. As pessoas estão muito acostumadas a receber as coisas prontas, os conteúdos e 'vamos repassar'. Você parar e construir isso é realmente uma novidade e é muito difícil, mas eu tenho procurado levar isso."

"... realmente é muito difícil você mexer numa instituição que há 30 anos funciona da mesma maneira. Mas eu acredito que as mudanças não virão num espaço pequeno de tempo e sim gradativamente. Eu já vejo pequenas mudanças naquelas pessoas que estão mais próximas e que eu posso ter um diálogo maior."

(educadora da APAS, dezembro, 2005)

A relação entre educadores e monitores

Se de início chegava a provocar certo desconforto a alguns educadores debater "de igual para igual" com aqueles jovens, com o passar do tempo foi notável o surgimento de interesse e respeito pela atuação dos monitores. Nas escolas, os professores mais próximos do projeto demonstravam isso cotidianamente, por exemplo, consultando-os diretamente sobre alguns encaminhamentos relativos às atividades e defendendo a atuação dos monitores quando questionados por outros professores que ainda apresentavam alguma resistência ao projeto.

No segundo ano do projeto, essa relação tornou-se ainda mais horizontal. Os monitores acumulavam mais experiência no trabalho integrado aos educadores, bem como estes se sentiam mais à vontade na relação. A prática da gestão compartilhada do projeto foi o principal fator responsável pela crescente confiança depositada pelos educadores no trabalho educativo dos jovens monitores.

Esta "nova" relação profissional entre os educadores e aqueles jovens, os quais vinham experimentando a prática educativa com entusiasmo, foi fator decisivo para a mudança de postura desses educadores, com relação aos educandos em geral: passaram a valorizá-los, a reconhecê-los como pessoas que podem se implicar de forma responsável com a própria formação, com questões e processos coletivos.

Ser monitor é...

Sempre que solicitados para falar, escrever, expressar de alguma forma o significado da experiência que viveram no Ecologicamará, os jovens monitores inicialmente resistem bastante. Sabem que vão se emocionar, que é muito grande o sentimento associado a tudo que representa em suas vidas a convivência e o aprendizado diário desses quatro anos e meio de projeto. Mas logo se soltam e mostram o quanto aproveitaram. Falam sobre quanto o mundo então ficou maior e o quanto também ficou maior a responsabilidade de cada um com as próprias ações nesse mundo. Para nós, educadores acima de tudo, tem sido uma grande alegria, além de promover, acompanhar de perto esse processo tão intenso e significativo. E, em comum, há um grande sentimento de gratidão a todos que de alguma forma contribuíram para que ele pudesse acontecer.

Nas palavras de alguns monitores, um pouco do sentido atribuído por eles ao processo vivido no Ecologicamará:

"Nossa tarefa é a de conduzir grupos e produzir cidadania. Mas com palavras não sei muito bem como posso expressar, talvez possa ser desafios, aprendizagem, sentidos, emoções... Passei por muitas angústias e decepções, coisas que me fizeram amadurecer. Trabalhar com pessoas da forma que fazemos, requer apostas e inovações. E só com o tempo fui entendendo o que isso significava. Isso implica em um olhar mais atencioso, mais crítico, mais amoroso e esperançoso. Não entendo por que muitas pessoas temem esse método de trabalho, isso só é na prática, o que chamamos de cidadania. Cada dia que acordo e vejo que um grupo está à espera para mais uma atividade, é mais um dia de vitória, mais um dia em que esses jovens acordaram cedo e se comprometeram a trabalhar dentro de um projeto que não visa diretamente o mercado de trabalho, mas visa uma construção coletiva de pessoas de classe popular em busca de seus direitos.

Acredito que com esse trabalho posso ajudar na mudança para um mundo melhor e, mais do que isso, ajudar na formação de pessoas conscientes e comprometidas com a cidadania. Tenho desejo de um dia dirigir uma escola,

mas para isso acontecer, tenho que cada vez mais e mais me formar, pois minha proposta pedagógica será inovadora tanto na teoria quanto na prática, dentro da instituição escolar."

[Nathalia, junho, 2006]

"Ser monitora é ver-me pequenina e grande ao mesmo tempo: pequenina porque quando me vejo, percebo que tenho tanta coisa para aprender ainda; mas também me vejo grande, imensa, quando sinto no olhar das pessoas o reconhecimento e o valor que me atribuem, me mostrando sempre que sou capaz.

É sentir-me frágil e forte em todo momento: frágil porque agora consigo olhar o mundo de um outro jeito e posso perceber que apesar de todo nosso esforço ainda falta muito, muito mesmo para alcançarmos nosso mundo ideal. Mas também me sinto tão forte porque todos os dias me deparo com pessoas que não deixam de acreditar, que investem até a última força para transformar aquilo que desejam. São pessoas que mesmo com tantas dificuldades e barreiras, sempre encontram em algum lugar um trampolim, que pode ser grande ou pequenininho, mas sua força é tão grande que nos faz dar saltos astronômicos e nos faz superar o que vier pela frente.

Pra mim, ser monitora é acreditar...

É poder me olhar diferente, é poder ser olhada e ouvida. É olhar para as pessoas. Mas não é simplesmente olhá-las, é enxergá-las, reconhecê-las e fazê-las enxergar a si próprias. É superar-me!!!

É poder ser olhada nos olhos e ouvir sem nenhum problema alguma crítica que me fazem, pois sei que cada palavra vem acompanhada de uma lição e da intenção de me tornar sempre melhor...

Mas também é ser olhada por estes mesmos olhos e receber um sorriso, um elogio, o reconhecimento e perceber que minha trajetória é acompanhada o tempo todo.

Hoje, sei reconhecer o meu lugar, o meu papel, e sei que o lugar onde estou, não será para sempre, que o 'mundo Camará' é diferente do 'mundo de fora'. Mesmo assim, todo este tempo que estive aqui, me transformou de tal

maneira, que sei que não consigo retroceder, pois adquiri princípios que fazem de mim o que sou hoje e não conseguirei ir contra eles."

[Fátima, junho, 2006]

"Acho que ser monitora, primeiro de tudo, é ser uma jovem que trabalha para e com jovens. É ser uma pessoa que além de estar em processo de transformação vai percebendo essas transformações, vendo 'o quanto sou capaz hoje e como não era ontem'. Ser uma jovem com compromisso de tentar mudar ou refletir sobre situações, com um olhar de quem também sabe como são as coisas, afinal algumas delas, eu por ser jovem, também estou vivendo."

[Vanessa Santos, junho, 2006]

"Não vou nem dizer que sou monitora, e sim que estou monitora, porque enquanto eu estou monitora, me sinto uma guerreira, daquelas que luta e vence no final, o trabalho é árduo mas a recompensa compensa.

Me vejo todos os dias refletida na imagem daqueles que agora estão começando sua batalha, esta que será em prol de um coletivo, aquele mesmo que te reconhece, que te critica, mas que sempre está ali para te ajudar a levantar, que faz com que eu me sinta muito capaz, muito motivada a sempre lutar, me dedicando a cada dia com a certeza de que esse esforço valerá muito para mim e especialmente para outros.

Me emociona a capacidade que os meus mestres tiveram de transpor as suas certezas para mim, faz parte de mim, acreditar com tanta convicção quanto aqueles que me fizeram ouvir pela primeira vez que eu sou capaz, agora eu sei que sou sujeito de direitos e desejos e que este saber é muito mais que uma simples descoberta, é o que me fez acordar para viver a vida. Sempre com a perspectiva que um outro mundo é possível, e de que eu posso transformar essa perspectiva em realidade, e se depender da minha vontade, não desistirei jamais desta tarefa, que acaba sendo a razão da minha persistência..."

[Ana Paula, junho, 2006]

"É essa angústia de estar o tempo todo aprendendo com todo tipo de situação e pessoas. Acho que no cotidiano eu vivo tudo; na supervisão eu olho para o que eu vivi; e nas reuniões

de equipe e planejamento eu planejo a minha atuação baseada nas minhas aprendizagens e vivências, que são as minhas atuações. Acho que ser monitora é muitas vezes não entender racionalmente algumas situações, mas poder confiar no que está sentindo e, a partir, daí agir. E o indispensável para tudo isso é a segurança de estar num processo formativo, detalhe que dá muito mais liberdade para arriscar e saber que não vou assumir sozinha um possível erro. Pode parecer engraçado mas, para mim, ser monitora é isso: é olhar para uma situação que te cause algum incômodo, e agir na situação, embasada por um processo formativo e com a segurança de não estar sozinha.”

[Vanessa Alves, junho, 2006]

Apresentamos a seguir o depoimento de um monitor sobre a tarefa de promover a participação juvenil ativa, retratando suas reflexões sobre o tema. Afinal, ser monitor, acima de tudo, é refletir muito sobre o sentido das coisas...

“Participação é uma palavra que usamos muito nos grupos, com o complemento da palavra coletivo, desejando que essas palavras virem ações. O grupo Jovens de Atitude foi aprendendo a participar no processo de criação da peça, nas discussões sobre temas, nos movimentos políticos [participação em conferências] e na ONG.

Mas como perceber que o grupo está participando ativamente? E como perceber que integrantes do grupo estão participando ativamente em ações individuais? E o que é participar?

Estas foram questões que apareceram neste grupo, fazendo com que olhássemos para o grupo, mas ao mesmo momento a cada integrante.

Em um grupo plural, bem diverso, percebemos que existem algumas formas de participação bem diversificadas, e aqui falarei um pouco delas.

A Participação ao extremo

Houve a mudança de quem não participava e hoje participa. No começo do grupo existia jovens que não abriam a boca no coletivo para dar a sua idéia, e com o grupo e o estímulo à participação, foram cada vez mais, e aos poucos, se soltando. Suas idéias começaram a ter sentido para si mesmos, produzindo

autoconfiança na própria potencialidade. Esta forma de participação extrapolou o grupo Jovens de Atitude, a ponto de se perder o limite da participação coletiva para a individual, ex: certo dia, um integrante do grupo tomou a decisão de articular com uma escola apresentando o projeto da peça, essa atitude foi genial, mas houve algumas falhas:

- a) Foi uma ação onde não houve uma construção coletiva;
- b) Ela não estava representando o grupo;
- c) Ela apresentou a peça da forma que ela imaginava, sem a aprovação do coletivo;
- d) Essa iniciativa foi uma autoconfiança de que estava representando o coletivo. Individualmente foi conversado com este integrante, mostrando essas falhas e elogiando a atitude, mas apontando que da próxima vez tentasse construir isso coletivamente.

A participação como dominação

O coletivo tem como foco aprender a participar de uma forma conjunta, mas nesse grupo, aconteceu de um jovem entrar depois do grupo ter iniciado, e já com um conhecimento de outros grupos. Ele compôs o grupo de uma forma que intimidou outras pessoas, sua participação, de tipo mais individualista, trouxe conflitos para o grupo e até com o diretor, era uma participação com certa autoridade nas falas, como se soubesse de tudo, mas ao mesmo tempo parecia não saber de nada. Enfrentamos isso com conversas coletivas e individuais, tentando construir uma participação com mais escuta por parte desse integrante.

A participação no escuro

Essa participação é aquela que as pessoas não percebem, é aquela na qual, os jovens ouvem mais e falam pouco, falam tão pouco que algumas pessoas não percebem avanços, mas é uma forma de participação importante, pois ouvir é uma das coisas mais difíceis, e no teatro todos mostravam suas idéias sem falar nada, apenas fazendo, com movimentos corporais, ações e outras formas de comunicação. Sabendo que essa participação é importante, eu percebo muitos avanços nas pessoas que têm esse perfil, pois a escuta fica escondida,

camuflando a participação, fica tão escuro que nem se percebe que aquela pessoa, mesmo calada, está participando.

A não-participação

Será que em todo momento a gente tem que participar?

Neste grupo os jovens também tiveram seu momento de não participar, o fato é que não podemos separar as coisas pessoais do processo coletivo, e isso aconteceu muito no grupo, onde pessoas tiveram problemas pessoais, que acabaram interferindo na sua participação, tendo assim uma participação não ativa, estavam lá apenas por gostarem de estar lá e queriam que o grupo ajudasse de alguma forma, primeiro descobrindo que aquela pessoa não estava bem e a partir desse dado pensar no que fazer.

O grupo muitas vezes teve esse momento, todos entraram em um clima depressivo, onde não havia avanços no processo de produção, mas será que não houve outros avanços? Isso foi conquistado por cada um, ser acolhido por um grupo e ser entendido por sua posição de não querer participar ativamente naquele momento.

Com isso percebo que não teremos participação ativa de um grupo em todo momento, aprendi que o grupo também precisa de seu momento depressivo, sem avanços, para sentir, por exemplo, a saída de um integrante ou a conquista de uma apresentação.

A não participação, bem trabalhada, pode ser um processo positivo de um grupo e percebo que no Jovens de Atitude aconteceu esse avanço."

(Álvaro, novembro, 2005)

Formando cidadãos ativos

Ainda que inicialmente o projeto tenha sido elaborado em conjunto com as organizações parceiras, o detalhamento das atividades ficou a cargo da equipe executora. Coerente com a metodologia participativa, o planejamento geral das atividades sofreu modificações grupo a grupo, conforme a dinâmica criada por cada coletivo no decorrer do processo. No desenvolvimento das atividades prevaleceram lingua-

gens e técnicas facilitadoras da expressão dos participantes. Em linhas gerais, abordaram-se conceitos sobre ecossistemas locais, reflexões sobre conjuntura e cidadania ativa, exercícios constantes de tomadas de decisão e gestão compartilhadas, além de outros conteúdos que cada grupo foi de mandando. Saídas a campo e atividades de integração com outros grupos juvenis também foram muito potencializadas.

Desde logo, entendemos que a integração com outros grupos fortalece a experiência singular daquele coletivo, já que possibilita o compartilhar de experiências, maior compreensão sobre aspectos metodológicos e novos parâmetros de análise sobre a própria prática. Além das atividades pontuais de visita a outros projetos ou recepção de outros grupos, inclusive de outras ONGs do PJE, realizamos eventos que exigiram a mobilização dos grupos juvenis do Ecologicamará em torno de tarefas comuns. Foram eles:

Mutirão de Pesquisa em Meio Ambiente

junho de 2004

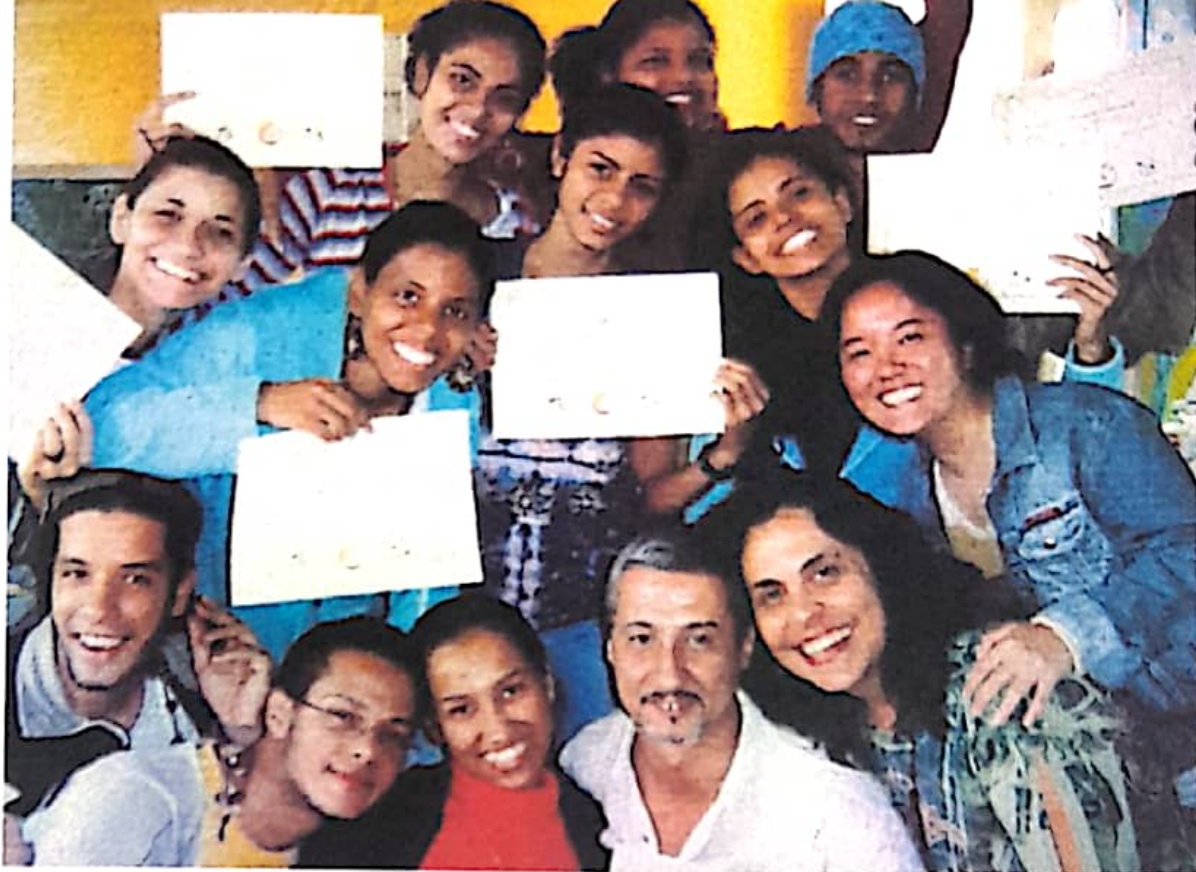
Atividade de campo, no bairro do Sambaia-tuba, que mobilizou jovens e educadores para levantamento de diagnóstico sobre a degradação ambiental local. Área de manguezal e ocupação urbana desordenada, vários moradores foram entrevistados pelos jovens, que seguiam roteiro elaborado pelo grupo. Interessava detectar elementos que subsidiassem seus planos de ação naquela região. Participaram também setores da prefeitura promovendo mutirão de limpeza no manguezal cheio de lixo, enquanto jovens distribuíam panfletos (produzidos por eles) visando à conscientização da comunidade sobre a melhor destinação do lixo. Jovens fizeram apresentações artísticas, em *show* de confraternização geral. Cerca de 300 pessoas participaram do evento.

I Mostra de Cultura Juvenil de São Vicente

dezembro de 2004

Apresentações artísticas de grupos juvenis direta ou indiretamente atingidos pelo projeto. Foi um bom exercício de produção coletiva entre as organizações parceiras, Camará e CMDCA. O evento aconteceu na quadra de uma das

A educação para a cidadania, que é o objetivo geral do projeto, depende muito do tipo de prática pedagógica adotada



escolas parceiras, contando com um público estimado em 500 pessoas entre alunos, familiares e outros jovens da comunidade.

Encontro de Jovens do Projeto Ecologicamarã em Rede

dezembro de 2005

Realizado no teatro do SESC-Santos, contou da apresentação dos planos de ação colocados em prática durante o ano, além de apresentações artístico-culturais. Contamos com a presença de antigos educadores, de representantes e educadores das organizações parceiras, de simpatizantes do projeto e das seguintes autoridades: deputado estadual, prefeito municipal, presidente do CONDECA, presidente do CMDCA, coordenador do PJE/Instituto Credicard, presidente do Camarã e um jovem delegado para a conferência nacional DCA (integrante do projeto).

Desafio Continental

julho de 2006

Evento que marcou o encerramento do Projeto Ecologicamarã, ao mesmo tempo em que inaugurou uma nova proposta: foi a primeira etapa das três programadas para 2006. Em formato de gincana, envolve os grupos juvenis da área continental de São Vicente em torno de provas diversas: futsal, apresentações de artistas da comunidade, conhecimento sobre

os ecossistemas locais, diagnóstico do bairro pelos moradores, entrevista com autoridades municipais. O prêmio, para o grupo que acumulou mais pontos ao final das três etapas foi uma excursão.

Desde o primeiro semestre de 2004, educadores das organizações parceiras apontaram indicadores de resultados que eles próprios atribuíram ao projeto, como, por exemplo, mudança para uma atitude mais participativa em alguns alunos, a identificação nas aulas regulares de conteúdos trazidos pelo projeto, a profusão de idéias sobre planos de ação após o Mutirão de Pesquisa. Os fanzines também revelaram a criatividade dos jovens e suas habilidades em desenho, redação, em processar as informações das revistas e trazer para esta atividade os conteúdos trabalhados no projeto e nas atividades regulares das organizações parceiras. Os grupos que optaram por experimentar a linguagem audiovisual também produziram vídeos criativos e muito significativos. O produto final surpreendeu e agradou aos educadores.

A educação para a cidadania, que é o objetivo geral do projeto, depende muito do tipo de prática pedagógica adotada e esta, no caso, deve confundir-se com democracia. Assim, o papel do educador é o de ajudar os educandos a avançar, no sentido de fornecer-lhes dados esclarecedores e colocar-lhes questões.

Representa também se orientar pelo sentido do todo e oferecer oportunidades de contato direto com a realidade, de observar, ouvir e refletir diretamente sobre ela, de forma concreta. Criando, recriando, interagindo e decidindo sobre a realidade é que os educandos melhor se apropriam dela, podendo ser capazes de transformá-la. O caminho adotado foi, portanto, o de iniciá-los num compromisso com a realidade presente, com o ambiente do município, do próprio bairro, o qual possa ser transferido, posteriormente, a outros níveis da realidade.

Através das observações, pesquisas e entrevistas realizadas para estudo de meio, a realidade foi desvendada. Tal reflexão e análise auxiliaram na percepção das intervenções possíveis de serem feitas, através de projetos. O envolvimento e a participação coletiva dos jovens na busca de soluções para as questões observadas no estudo de campo foi um dos aspectos fundamentais do trabalho educativo em andamento, por constituir uma oportunidade para o desenvolvimento de atitudes relacionadas à participação política e à construção da cidadania.

A efetividade da metodologia adotada pode ser medida, portanto, pelas ações que os jovens começam a realizar, no sentido de mostrarem preparação para assumir novos papéis. Isto porque somente quando as pessoas se sentem motivadas a modificar a realidade é que podemos dizer que aprenderam a interpretá-la e a entender seu papel no mundo. Os jovens, ao seguirem as etapas previstas, passaram a compreender melhor a realidade que os cerca, no sentido de nela poder atuar.

Grupos de jovens e seus planos de ação

O trabalho realizado por cada grupo de jovens apresenta trajetórias bem diferentes. Listamos a seguir os 24 planos de ação executados no período, citando o nome do grupo, as organizações parceiras correspondentes, local das ações e tema geral do projeto desenvolvido.

Núcleo de Cidadania Ativa da APAS

(Bairro Centro)

Em 2004-2005: Projeto "Recicl'arte - brincar e aprender" Sensibilização e Oficinas

de Reaproveitamento de Materiais com crianças nas creches da APAS.

Grupo Jovens de Atitude

(Pacto São Paulo - São Vicente e Santos)

Em 2005: Criação coletiva do espetáculo teatral: "Por Essência". Sensibilização de platéias jovens para a questão da violência.

Grupo Força Jovem

(PMSV-SECIAS Programa Medidas Sócio-Educativas)

Em 2005: Registrar em fotos e vídeo as impressões do grupo sobre a diversidade social na cidade.

Grupo Educação e Cidadania

Três planos de ação em 2005: Jovens bolsistas do Camará no Cursinho da POLI (ISP) atuaram junto ao coletivo do Camará: workshop de sensibilização para o reaproveitamento de materiais; exposição monitorada sobre diversidade cultural; atividade de informática integrando crianças e suas famílias.

Grupo Sexualidade e Cidadania

Quatro planos de ação em 2005. Em parceria com GTPOS, equipes compostas por jovens e educadores de São Vicente, Santos, Praia Grande, e Guarujá realizaram atividades de capacitação para jovens de seus municípios, sobre sexualidade e saúde reprodutiva.

Grupo Ambientando

(APAS - Bairro Vila Margarida)

Em 2005: Plantio de árvores nas margens do "Canal do Meio", hoje bastante degradado, com mobilização e parceria dos moradores locais. Em 2006: Implantação de horta comunitária na creche do bairro.

Grupo Samambaia Amarela

(PMSV-UEM, SECIAS - Bairro Sambaiaatuba)

Em 2005: Recepção de alunos das escolas locais no Viveiro de Mudas do Sambaiaatuba, para atividades de educação ambiental. Em 2006: Oficina de "Criação e Moda" visando a geração de renda para o grupo.

Grupo Vida Verde

(PMSV-CEAMA e CAMP - Bairro Rio Branco)

Em 2005: Mobilização da comunidade local sobre a degradação ambiental em evento com diversas oficinas e apresentações.

Em 2006: Levantamento e divulgação dos espaços comunitários para debate das políticas públicas.

Grupo Curupira

(PMSV-CEAMA e CAMP - Bairro Rio Branco)

Em 2005-2006: Sensibilização para preservação da Cachoeira de Paratinga, na área continental de São Vicente. Ação junto aos moradores locais para conscientização sobre a degradação que ameaça a cachoeira.

Grupos do Camará

Quatro planos de ação em 2005-2006.

Geração de renda em "Criação e Moda"

Produção e venda de camisetas estampadas e bordadas à mão e adereços para dança do ventre.

Produção do vídeo "Fraldas, mamadeiras, bailes e baladas" - O olhar do próprio jovem sobre maternidade e paternidade na adolescência.

Pesquisa de campo "O Preconceito contra homossexuais" Entrevistas semi-estruturadas com pessoas de diferentes orientações sexuais. Jovens participaram da elaboração dos instrumentos, coleta e análise dos dados.

Espetáculo de Dança de Rua.

Grupo Morro da Coruja

(PMSV - CEAMA e CAMP - Bairro Rio Branco)

Em 2006: Interpretação ambiental de trilhas ecológicas locais.

Grupo JACS - Jovens Atrás de Conhecimento no Sambaiaatuba

(PMSV-UEM - Bairro Sambaiaatuba)

Em 2006: Elaboração de fanzines sobre o potencial cultural da comunidade.

Grupo Jovens em Ação

(Sociedade de Melhoramentos - Vila Ponte Nova)

Em 2006: Criação de espetáculo teatral para sensibilização da comunidade sobre as questões ambientais locais.

Equipe executora do projeto

Coordenadora e sistematizadora
Lumena Celi Teixeira

Articulador institucional
João Carlos
Guilhermino da Franca

Psicóloga supervisora
Viviane Gorgatti

Assistente administrativo
Daniela Yone Uechi

Educadores
Maria Eliza de Sales Amaral Siqueira (2004)
Plutarco Drummond de Magalhães Neto (2004)
Wilson Carlos Bregochi Jr. (2004)
José Carlos Názara (2005/2006)
Tania Teresa Krempel (2005/2006)

Jovens monitores
Adriana Dantas de Souza Gama
Álvaro Fernandes Ferreira de Sousa
Ana Paula de Oliveira
Christopher dos Santos Souza
Ewerton dos Santos Candido
Fátima Carolina Baeta
Jeniffer Ramos de Souza Cruz
Nathalia dos Santos Alves
Ricardo Alves Gonçalves
Vanessa Alves da Silva
Vanessa Santos da Silva



JOVENS ESCALHAS
EM CASA DO FUTURO
CREDICARD

Educadores e Jovens em Ação